

A Poesia das Trovas Caboclas

FELIX AYRES

(Da Academia Maranhense de Letras).

Prezado ouvinte de PRJ-2:

Aqui me tendes, honrado que fui pelo convite de Thiago G. de Oliveira e dr. Faris Antonio S. Michael, ambos príncipes do cavalheirismo e da generosidade desta terra; aquele, intelectual irmão do norte; este, destacado mestre da cultura brasileira.

As palavras informes, porque de ocasião; as idéias incolores, porque de emergência.

A alegria de ser recebido dentre vós, a riqueza que me empresta a vossa deferência, o ouro do vosso convívio é a maior dádiva. Prazer maior não me proporciona-

ria a sorte, que o de possuir a vossa camaradagem, pois não há quem de vós se aproxime, senhores do Centro Cultural "Euclides da Cunha", que não fique devendo muita coisa.

E é à claridade deste sodalício que me protejo por um momento para vos falar, em homenagem ao autor de "Os Sertões", do caboclo brasileiro, que faz trovas tão lindas e que improvisa ao pé da viola, inteligente, antes de tudo, na gloriosa frase do gênio.

Tobias Barreto afirmava que ele tem tanta argúcia,

que não precisa de advogado para lhe defender as causas.

No cerne da raça, cada qual com seu feitio, seu geito, sua alma, tão simples, tão grato, tão excelso, mártir, fiel!

Elemento feito da mestiçagem cada vez mais expressivo, legítimo representante de nossa nacionalidade. E donde veio? Daqueles socavões abruptos, baixadas ermas e sombrias, altiplanos quebrados de bibocas, matas fechadas, serras altaneiras... regiões que a civilização ainda não conhece, para dar lições de coragem, pelejar qual gigante, resistir qual herói! Mistio de sangue ameríndio e português! Nenhum país do mundo conseguiu esse amálgama. Do português o atilado espírito latino; do índio a astúcia, a alma guerreira! Daí é que nasceu o mestiço brasileiro que fez maior o nosso civismo e a pátria muito maior. O poeta mais culto, o sábio mais esclarecido, o gênio mais glorioso. Em todos os ramos de conhecimentos humanos está ele pelejando na vanguarda, no passado e no presente, no difícil e no exemplar, no firme e no gigantesco. É nele que a inteligência reponta mais vívida de fraternidade e a pátria mais nobre se immortaliza no mundo.

Euclides da Cunha, filho de baiano, órfão de mãe aos 3 anos, era um desses bravos, retratado assim por Alberto Rangel: "— o físico tinha a vulgaridade mame-luca da nossa humilde e boa caipiragem... mais lhe aparecia a insignificância do caboclo magricela de fonte escampa, e arcadas zigmáticas saltadas, onde os olhos brilhavam com reverberos de incêndio à beira d'água e à noite".

E esse caboclo genial, que em memorável discurso, em São Paulo, lembra o nome de Castro Alves para patrono e símbolo da mocidade estudiosa, era também poeta e também fez versos:

Há nos teus olhos escuros,
tantas centêlhas, que ao vê-las
penso na treva e nos brilhos
das noites cheias de estrelas...

E esse caboclo genial que um dia se insubordina e atira aos pés do Ministro da Guerra a espada de estudante, notável publicista, geógrafo e historiador, hoje, tantas vezes estudado e admirado vezes tantas, no Brasil e no mundo, possuía também o coração boníssimo de um Messenar, quando auxiliava o intelectual desgarrado, no caso do poeta cearense Quintino Cunha, no Amazonas.

Indo a Manáus o chefe da Comissão Brasileira no Alto Purús, no lago Coari, confluência do solimões, nota, a frente de seu caminho fluvial u'a montariázinha triputada por 3 homens:

— Bom dia, amigo!
— Bom dia.
— Que está a fazer?
— Pescando a vida.

Fôra esta resposta a apresentação do poeta Quintino a Euclides. Daí por diante, grandes amigos. O historiador da terra de Ararigboia protegendo o aedo do solo de Iracema, a ponto de colocá-lo na Prefeitura da Capital amazonense e de lhe apreciar elogiosamente os versos em crônicas aí publicadas e em Belém do Pará.

xxx

De alguns anos a esta parte, empenho-me na organização da antologia "Trovas Nacionais", coletânea que põe em evidência o interesse poético, folclórico, chamando a atenção pelo lado antológico e pela documentação histórica. Figuram no trabalho todos os poetas de grande público nos Estados, e pelas unidades federativas da pátria é dividida a lírica troveira nacional.

Porisso ouvireis, agora, minhas senhoras e meus senhores, uma revoadada de trovas das mais lindas dos jardins da poesia brasileira. Desfilarão diante de vosso bom gosto alguns dos nossos maiores menestrelis caboclos da redondilha em homenagem à memória do imortal Euclides da Cunha:

De Catulo da Paixão Cearense:

E a sabiá pulos gaio
da laranjeira serena
cantava como se fosse
uma viola de pena!

De Antonio Sales (coleção):

Os cabelos dessa dona
quando se soltam do pente
dão um cacho perfumado
do ouro mais inelente!

De A. R. Maranhão:

Eu, lhe quero procurar,
flô que brota no espinheiro:
todo mundo sente o cheiro,
mas ninguém pode buscá!

(Conclui na pág. 14)